

A importância do ensino de cultura na formação de professores de línguas

Andressa Brawerman-Albin¹
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Maristela Pugsley Werner²
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Cynthia Martinez³
Indiana University

Resumo: Diante do atual cenário do mundo globalizado e principalmente no caso do inglês, hoje uma língua internacional, é cada vez mais necessária a introdução de reflexões e discussões culturais na formação de professores culturalmente conscientes. Contudo, em muitos aspectos, a cultura é ensinada implicitamente, através das formas linguísticas que os estudantes estão aprendendo. É indispensável que os futuros professores desenvolvam uma sensibilidade cultural que oportunize uma consciência positiva em relação ao outro. É importante que a sala de aula de língua estrangeira seja também um momento para reflexões sobre diferenças socioculturais e históricas. Muitos estudos, como os de Kramsch (1993, 1998) e Byram (1989), têm enfatizado a importância da ligação entre língua e cultura. Entretanto, os futuros professores estão preparados para isso? Eles se sentem seguros em abordar questões culturais? Eles consideram essa abordagem importante? Para investigar essas questões, um questionário com 10 perguntas foi aplicado a alunos de Letras que tiveram contato com um professor assistente norte-americano no período da sua graduação. O objetivo deste questionário é avaliar a relevância desse contato para os estudantes de Letras, bem como as ideias que eles possuem a respeito do ensino de cultura na sala de aula de língua estrangeira. Este estudo é bastante relevante ao analisar uma abordagem de extrema importância no ensino de língua estrangeira: a cultura da língua-alvo.

Palavras-chave: Ensino. Cultura. Formação de Professores.

Introdução

¹ Possui graduação em Letras (2003) pela Universidade Federal do Paraná, mestrado em Letras (2006) e doutorado em Letras (2012) pela mesma universidade. Atualmente, é professora adjunta do curso de Licenciatura em Letras Português-Inglês da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.. E-mail: andbraw@yahoo.com.

² Professora da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) desde 1995, tendo atuado também na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) por 16 anos. Possui mestrado em Língua Inglesa pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e atua na área de ensino de língua inglesa no curso de Letras da UTFPR. Seu principal objeto de pesquisa é interculturalidade e ensino de inglês nas escolas brasileiras. E-mail mpwerner@terra.com.br.

³ Graduada em Espanhol e Estudos Multiculturais e de Gênero pela *Murray State University*, mestre em Espanhol e Estudos Latinos pela *University of Louisville* e atualmente cursa doutorado na *Indiana University*. Trabalhou como uma *English Teaching Assistant* em Curitiba através do Programa Fulbright em 2012. E-mail: cynthiamartinez0@gmail.com.

No mundo de hoje, em que as línguas, especialmente o inglês, tornaram-se um meio de poder e são essenciais para práticas de negócio e comércio, é de extrema relevância a formação de professores de línguas culturalmente conscientes. Conversar com o outro não é apenas se comunicar através de sua língua, mas entender o meio social e cultural em que ele está inserido. É de grande importância nessa reflexão a conscientização dos alunos de que não há algo como cultura inferior e superior, mas apenas diferenças que devem ser levadas em consideração para um melhor aprendizado da língua.

Segundo Fernandes e Eiró (2013), o impacto da globalização nas vidas socioculturais de muitas pessoas ao redor do mundo deve ser considerado e tem se constituído em tema de debate em áreas diversas, gerando “um redimensionamento de seu olhar sobre os fenômenos que constituem seus objetos de estudo, principalmente em face de uma característica relevante da globalização, que é a homogeneização cultural” (FERNANDES; EIRÓ, 2013, p. 99).

Ao ignorarmos as diferenças culturais presentes no ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras, corremos o risco de julgar a cultura de outros países de forma inadequada, pois um hábito pode significar algo igual ou diferente para falantes e aprendizes (MEDEIROS *et al.*, 2013). Nesse contexto, a tarefa do professor é estimular o interesse dos alunos pela cultura e ajudar na formação da ideia de que a aula de língua estrangeira (LE) não é um momento exclusivo de ensino de linguagem, mas uma oportunidade de diferentes tipos de aprendizagens através de interações entre os participantes (KRAMSCH, 1993). Entretanto, os aprendizes devem primeiramente se familiarizar com a ideia de fazer parte de uma cultura. Ao explorar sua própria cultura, eles estão prontos para refletir os valores, expectativas, tradições e costumes de outros povos com um grau elevado de objetividade intelectual. Ainda, o ensino da cultura motivaria o estudante de língua no processo de aprendizagem, pois ajuda o aprendiz a observar semelhanças e diferenças entre vários grupos culturais e diminui as chances de julgamentos impróprios sobre sua cultura em relação às outras (GENC; BADA, 2005). Assim, olhar a cultura do outro é ter a possibilidade de considerar sua própria cultura através de novos olhos.

De acordo com Cecilia e Ojeda (2007), alguns objetivos para o “ensino” da cultura em uma aula de LE são: ver outras culturas como fontes enriquecedoras de conhecimento; desenvolver uma consciência cultural nos alunos; treinar os estudantes em tópicos recorrentes ou diferentes nas culturas diversas; gerar consciência sobre diferenças culturais; desenvolver o

pensamento crítico no aluno; entre outros. Segundo Leffa (2002), o maior problema que temos quando precisamos nos expressar em uma LE é que não sabemos o suficiente sobre aquela língua e cultura para entendermos o que ouvimos ou dissermos o que realmente queremos.

Com essa noção em mente, o curso de Letras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) teve a possibilidade de contar com assistentes de ensino norte-americanos através de um projeto realizado em parceria com a Comissão Fulbright e a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). Os assistentes desenvolviam atividades de fluência relacionadas a diferentes tópicos de cultura na sala de aula, durante as aulas de língua inglesa, e fora dela, em atividades como palestras, *workshops* e *conversation clubs*. Essa experiência foi extremamente interessante por gerar não só uma consciência cultural a esses futuros professores de inglês, mas também uma forma de motivação na aprendizagem da língua⁴.

Este estudo investiga alguns dos resultados dessa experiência através da aplicação de um questionário que visa avaliar quais foram os impactos desse contato com a cultura norte-americana na sala de aula para os estudantes de Letras. Dessa maneira, este artigo explora a importância do ensino de cultura na formação de professores de línguas estrangeiras. A Seção 2 faz uma breve revisão de autores (Kramersch, 1993, 1998 e Byram, 1989) que exploram a ligação entre língua e cultura, a Seção 3 mostra o método da pesquisa que foi realizada, a Seção 4 analisa os resultados e a Seção 5 aborda as considerações finais.

1. Língua e cultura

Apesar de não haver uma relação clara para muitos alunos e professores de línguas, há uma forte ligação entre língua e cultura. De acordo com Kramersch (1998), as línguas expressam e simbolizam realidades culturais. As pessoas expressam diferentes fatos e ideias através da linguagem ao se referirem a um conhecimento de mundo comum compartilhado. A maneira com que expressam suas experiências é compreendida pelo grupo a que pertencem e

⁴ As experiências do curso de Letras da UTFPR e de mais 18 instituições do Programa de Assistente de Ensino de Língua Inglesa para Projetos Institucionais estão relatadas no livro “Diversidade Cultural e Ensino de Línguas Estrangeiras” (BRAWERMAN-ALBINI; MEDEIROS, 2013), com noções teóricas sobre o assunto e sugestões de atividades práticas.

os falantes identificam a eles mesmos e aos outros através do uso da língua, que é vista como um símbolo de identidade social.

Língua e cultura também estão ligadas com a identidade do grupo. As pessoas percebem a cultura e a língua do outro da forma que elas estão condicionadas pela sua própria cultura.

Segundo Kramersch (1998, p. 65):

É amplamente aceito que há uma conexão natural entre a língua falada por membros de um grupo social e a identidade daquele grupo. Através de seu sotaque, vocabulário e padrões de discurso, os falantes se identificam e são identificados como membros dessa ou daquela comunidade de fala e discurso⁵.

Kramersch aborda dois conceitos ao discutir a relação entre língua, cultura, falantes nativos e aprendizes de línguas: autenticidade e apropriação. Os estudantes de línguas frequentemente possuem um forte desejo de se comportar e pensar como falantes nativos com o objetivo de ser reconhecidos por eles. Essa ideia é, contudo, contraditória: enquanto alguns tentam evitar parecer estrangeiros, outros têm uma forte vontade de mostrar suas origens. Segundo a autora: “[...] a apropriação cultural pode necessitar ser trocada pela ideia de adequação, em que os aprendizes tornam a cultura e língua estrangeira sua própria ao adotá-las e adaptá-las de acordo com seus próprios interesses e necessidades” (KRAMSCH, 1998, p. 81)⁶.

Kramersch (1993) oferece uma alternativa à percepção tradicional do ensino de língua estrangeira, que é uma ênfase nas quatro habilidades e a noção de cultura como uma “quinta” habilidade – um tópico separado ensinado através da apresentação de fatos. Ela considera a sala de aula de LE um lugar onde os mal-entendidos interculturais surgem e, portanto, sugere a criação de um espaço no qual o ensino da cultura existe dentro do ensino das outras habilidades. Assim, as interações dentro da sala de aula criam um contexto cultural. A autora apresenta uma explicação a respeito das dificuldades de se criar esse tipo de contexto na sala de aula de LE: “O desafio educacional é o ensino da língua como contexto dentro de uma

⁵ “It is widely believed that there is a natural connection between the language spoken by members of a social group and that group’s identity. By their accent, their vocabulary, their discourse patterns, speakers identify themselves and are identified as members of this or that speech and discourse community”. (As traduções das citações foram feitas pelas autoras deste trabalho e as citações originais se encontram em notas de rodapé).

⁶ “[...] cultural appropriateness may need to be replaced by the concept of appropriation, whereby learners make a foreign language and culture their own by adopting and adapting it to their own needs and interests”.

pedagogia dialógica que faz o contexto explícito, fazendo com que o texto e o contexto interajam dialeticamente dentro da sala de aula⁷” (KRAMSCH, 1993, p. 13).

Se conseguirem a criação desse ambiente na sala de aula, estudantes e professores poderão oportunizar a existência de um contexto cultural, um termo usado para descrever “o conhecimento prévio institucional e ideológico compartilhado pelos participantes em situações de fala. Esse contexto [...] consiste em ‘estruturas de expectativas’ que permitem que as pessoas entendam o mundo delas.”⁸” (KRAMSCH, 1993, p. 42). Embora esse conhecimento compartilhado possa facilitar a comunicação entre falantes nativos, ele contrariamente apresenta desafios inesperados aos estudantes de uma LE. Dentro do contexto específico da sala de aula de LE, ele enfatiza o fato de que professores e estudantes frequentemente não estão cientes da natureza cultural da sua conversa. Para demonstrar essa questão, Kramsch oferece o exemplo de que nos Estados Unidos, estudantes de LE tentam replicar em francês ou alemão conceitos anglo-americanos que não são “transferíveis” para outras línguas como: “*to be in control*”, “*to be committed to*”, “*setting one’s priorities*”, “*creating opportunities*” - sem perceber a importância ideológica de tais frases. Se essas situações que surgem com frequência dentro da sala de aula de LE fossem exploradas dentro do escopo de um contexto cultural, seria papel do professor fazer com que os alunos se conscientizassem dessas diferenças culturais, relacionando as questões de língua e cultura dentro do ensino da LE.

No momento em que a sala de aula de LE é percebida como um espaço em que existe um contexto cultural, a interdependência entre língua e cultura se torna aparente. Pelo fato de que esse espaço existe em um lugar entre a língua e cultura nativas e a língua e cultura-alvo, estudantes têm que criar um “terceiro espaço” que permita a negociação de significado (KRAMSCH, 1993). Apesar de os estudantes de LE frequentemente se sentirem incapazes pelas suas limitações dentro da língua-alvo, o aprendizado de língua pode se tornar um processo de ganho de poder através de negociações de significados entre as línguas e culturas nativas e alvo. A exploração da cultura através da língua é um processo que pode fortalecer estudantes por oferecer entendimentos mais profundos da comunidade-alvo.

⁷ “*The educational challenge is teaching language ‘as context’ within a dialogic pedagogy that makes context explicit, thus enabling text and context to interact dialectically in the classroom*”.

⁸ “*the institutional and ideological background knowledge shared by participants in speech events. This context [...] consists of ‘structures of expectation’ that allow people to make sense of the world around them*”.

Byram (1989) afirma que o estudo da cultura é um componente integral do ensino de LE, com seus próprios objetivos e métodos. Além disso, é uma atividade pedagógica, sendo necessário considerar os processos de ensino e aprendizagem que podem decorrer dela. Deve haver uma metodologia para ensinar cultura que leve em conta os objetivos educacionais e os conceitos de cultura e aprendizado cultural, além da estrutura pedagógica.

De acordo com Byram, usar uma LE é tornar possível o contato social com pessoas de outra cultura. Entretanto, esse objetivo é difícil de ser alcançado quando muito do trabalho feito hoje nas escolas tem como foco a aquisição de habilidades somente com propósitos utilitários. Conseqüentemente, os professores têm se preocupado mais com os métodos para ensinar as habilidades linguísticas do que com a educação pessoal completa.

Para se obter essa visão mais ampla, é preciso acreditar na relação próxima que existe entre língua e cultura e na necessidade de ensinar ambas de uma maneira integrada. Essa integração somente é possível se introduzirmos na aula de LE pelo menos algumas noções de outros assuntos, tais como antropologia, psicologia e sociolinguística. Outro aspecto a ser considerado nesse caso é que a língua ensinada é tanto o objeto de estudo como o meio usado para ensinar e aprender. Byram (1989, p. 51) propõe que “ela deveria ser usada como um meio, não para resolver problemas, mas para ensinar e aprender sobre o povo e a cultura associados a ela”⁹. Portanto, se nós cremos que o ensino de línguas melhora as relações interculturais, mudanças devem ser feitas na educação em LE a fim de tratar a cultura como parte integrante desse tema.

Uma contribuição importante também do ensino de línguas estrangeiras para a formação geral do estudante é torná-lo consciente das semelhanças e diferenças que existem entre grupos culturalmente distintos. A ligação entre educação multicultural e ensino de LE tem a intenção de desenvolver compreensão e tolerância. Alunos expostos a essa maneira de ver a língua provavelmente serão capazes de entender que o “outro” não é uma ameaça a nossa identidade, mas sim um meio de manter nossa identidade (BYRAM, 1989).

As próximas seções relatarão a pesquisa feita a partir das noções abordadas nesta seção.

2. Método

⁹ “[...] *it should be used as a medium, not for problem-solving but for teaching and learning about the people and culture associated with it*”.

Os participantes deste estudo foram compostos por 30 alunos de Letras Português-Inglês da UTFPR. Todos esses alunos cursavam a disciplina de Língua Inglesa no segundo ou terceiro período, ou seja, estavam no curso há cerca de um ano ou um ano e meio. Todos os alunos conviveram com os assistentes de ensino americanos desde o início da graduação, os quais iam semanalmente às aulas de inglês, aplicando atividades de vocabulário, fala e cultura. Além disso, ofereciam atividades extras de conversação e palestras sobre tópicos culturais, que os alunos poderiam frequentar fora da sala de aula.

O questionário aplicado (Anexo) continha 10 perguntas que visavam explorar a opinião desses futuros professores sobre a importância do ensino de cultura na aula de LE. As questões se concentravam também na visão dos estudantes sobre a experiência que tiveram com os falantes nativos. Os questionários foram respondidos individualmente e em português para garantir que os participantes pudessem expressar melhor suas opiniões.

3. Resultados

As cinco primeiras perguntas do questionário focam a importância da abordagem de aspectos culturais no ensino de LE para explorar a visão que os futuros professores têm sobre esse tópico.

A primeira pergunta questiona se os alunos consideram importante a abordagem de aspectos culturais em uma aula de língua estrangeira. Das 30 respostas obtidas, 14 alunos consideram essa abordagem importante e 16 estudantes consideram-na extremamente importante. Nenhum aluno considerou essa abordagem regular ou não importante. Essas respostas, até certo ponto surpreendentes, mostram a importância dada por esses futuros professores à abordagem de elementos culturais.

Analisando-se a segunda pergunta do questionário, sobre a visão que os participantes têm do ensino de línguas através de uma abordagem intercultural, percebe-se que os alunos têm uma visão positiva a esse respeito. Para eles, essa abordagem ajuda no ensino, que se torna “mais contextualizado e interessante para o aluno”¹⁰. É de extrema importância, porque “cultura e língua estão relacionadas e ajudam a compreender uma a outra” e pelo fato de enriquecer o processo de aprendizagem. Ainda, faria com que “o aluno entenda melhor a outra cultura e, assim, também melhore a capacidade de se expressar na língua estrangeira”,

¹⁰ Os fragmentos entre aspas são cópias de partes das respostas dos participantes.

ajudando em pontos específicos da língua, como no vocabulário. Também “abre os horizontes” e permite que os alunos se familiarizem com a cultura e os valores do povo falante da língua.

A terceira pergunta questiona como o ensino de uma língua estrangeira pode ser melhorado ao se abordar tópicos culturais. Os participantes destacaram que a abordagem de tópicos culturais aumenta a motivação e o interesse dos alunos. Ainda, prepara o aluno para “situações práticas da língua” e faz com que o ensino seja mais contextualizado. Ao fazer o aluno “mergulhar na outra cultura, ele conseguiria entender a língua, tanto pragmática quanto semanticamente”. Segundo um deles, “quando entramos em contato com uma cultura diferente da nossa, parece que quanto mais conhecemos, mesmo nunca tendo estado no país, já estivemos lá de alguma forma”.

A quarta pergunta aborda a ligação entre língua e cultura, perguntando se e como os participantes percebem essa ligação. Todos afirmaram perceber essa relação. A língua seria “a identidade de uma nação, assim como a cultura. Ela identifica e torna único um povo” e “é uma forma de expressão cultural, é a forma como a cultura se manifesta”. Ainda, “se a língua é uma forma de expressar o pensamento, então língua e cultura são interdependentes”.

A quinta pergunta indaga se os participantes, futuros professores de inglês, sentiriam-se capazes de abordar tópicos culturais em suas aulas de inglês. Oito participantes responderam que ainda não se sentem capazes e 22 responderam que sim. Os participantes que responderam que não se sentiriam capazes disseram que ainda não se sentem seguros para isso, mas que esperam se sentir capazes até o final do curso. Os que responderam que “sim” argumentam que se sentem confiantes não só pelo contato que tiveram com os assistentes de ensino americanos, mas também através de músicas e filmes.

As outras cinco questões do questionário abordam a experiência que os participantes tiveram com os assistentes de ensino e pedem para que eles respondam considerando-se a presença dos assistentes de ensino norte-americanos no curso nos últimos dois anos.

A sexta pergunta questiona como os participantes consideram que essa experiência influenciou a visão deles sobre diferenças culturais. Os participantes relataram que aprenderam várias coisas que desconheciam sobre os Estados Unidos. Ao mesmo tempo, esse contato com o falante nativo desmistificou muitos dos estereótipos que possuíam, pois “somos todos meio parecidos, às vezes formamos um estereótipo e quando conhecemos e convivemos com pessoas de outros países, percebemos que as coisas são bem diferentes”.

Essa experiência também foi importante por gerar reflexões a partir das ideias dos assistentes de ensino “contrapondo com o que vemos na mídia e também similaridades com o Brasil”. Além disso, “me fez valorizar mais algumas coisas do meu país e me ajudou a compreender melhor aspectos da cultura estrangeira”.

A sétima questão indaga quais foram as principais diferenças culturais que eles identificaram entre o Brasil e os Estados Unidos e se já conheciam essas diferenças antes do contato com os falantes norte-americanos. A maioria dos participantes respondeu que conheciam algumas diferenças, mas não todas as que aprenderam e que, de maneira geral, não há grandes contrastes entre os países. As diferenças mais identificadas foram nas datas comemorativas, na educação, na legislação e na forma de tratamento dada às pessoas. O brasileiro seria mais “afetuoso” e “emotivo”, enquanto o americano seria mais “distante” e “racional”. Algumas tradições também foram mencionadas, como um maior patriotismo e a independência do jovem ao entrar na faculdade, “em que são quase impostas algumas experiências, como trabalhar e morar sozinho”. Ainda foram comentadas as diferenças nos hábitos alimentares e nos relacionamentos familiares.

A oitava pergunta se concentrou nas semelhanças culturais, perguntando quais foram as principais semelhanças culturais identificadas. As respostas variavam desde “somos muito semelhantes” até “é tudo muito diferente mesmo”. As principais semelhanças relatadas foram o senso de humor, as crenças populares e as superstições.

A nona pergunta questiona quais foram os pontos positivos dessa experiência considerando-se os aspectos culturais. Os participantes consideraram essa experiência extremamente positiva por gerar o “conhecimento de outro mundo por meio do inglês”, ajudar a não cometer erros e ter preconceitos e, até mesmo, para “podermos dar mais valor a nossa cultura, bem como termos orgulho de sermos mais multiculturais”. A troca de informações e a “quebra de paradoxos” ajudaram-nos a nos sentir mais preparados para dar aulas com abordagem cultural.

A última pergunta indaga que nota os participantes dariam para a importância que esse contato com um falante nativo teve para a formação deles como professores de inglês. Vinte participantes deram a nota 10 e os outros deram nove ou oito. Alguns responderam que os assistentes de ensino “facilitaram o entendimento e a aquisição de conhecimento sobre o país de onde vieram”, especialmente para aqueles que não podem viajar a um país cuja primeira língua é o inglês. Consideram muito importante esse contato para “qualquer pessoa que queira

aprender outra língua”, por auxiliar na aquisição de elementos culturais e na melhora da pronúncia. Um participante relatou, inclusive, que conseguiu trabalhos pelo fato de ter mais contato com a cultura norte-americana.

Considerações finais

De forma geral, percebem-se respostas muito positivas dos participantes em relação ao ensino de cultura e notam-se futuros professores de línguas conscientes sobre o papel da abordagem de elementos culturais na sala de aula. Através das respostas das perguntas 1 a 5, é clara a importância que esses estudantes de Letras dão à abordagem de aspectos culturais em uma aula de LE e ao ensino de línguas através de uma abordagem intercultural. Também é surpreendente a ligação que eles percebem entre língua e cultura, identificando a interdependência de ambas, apesar de estarem nos primeiros períodos do curso. É interessante perceber como eles relacionam o ensino de cultura ao aumento da motivação e interesse dos alunos de LE e, ainda, o fato de a maioria deles afirmar que já se sentem capazes de abordar elementos culturais em suas aulas de inglês.

Pelas respostas das perguntas 6 a 10, nota-se a clara importância que os alunos deram à possibilidade de contar com um assistente de ensino norte-americano e como essa experiência influenciou a visão deles sobre semelhanças e diferenças culturais. Pode-se deduzir que a atuação deste falante nativo foi essencial para o desenvolvimento de uma visão abrangente da LE, envolvendo tanto aspectos linguísticos quanto culturais e, até mesmo, afetivos.

O ensino da cultura juntamente com a língua oferece tanto benefícios educativos quanto pessoais pelo fato de lembrar-nos do estado de globalização do nosso mundo atual e encorajar a comunicação e entendimento entre culturas diferentes. Além de um conhecimento básico da cultura, um professor de língua precisa reconhecer a importância da cultura dentro do ensino de língua e discutir essas questões através das interações com os alunos. Para se obter um currículo que considere aspectos culturais juntamente com os linguísticos, há que se levar em conta fatores linguísticos que complementem as habilidades e competências exigidas em uma interação que aborde aspectos culturais. Para o professor de LE realizar esse trabalho na sala de aula, é importante encontrar suporte no material didático utilizado, uma vez que este exerce uma forte influência no conteúdo e direcionamento das aulas, principalmente no conteúdo cultural

abordado. É essencial, portanto, que essa atitude de abordagem cultural seja tanto dos professores de LE quanto dos escritores de livros didáticos.

Pelas respostas vistas no questionário, é notável que esse reconhecimento motive o estudante não somente no aprendizado da língua, mas também no entendimento mais profundo da própria cultura e das culturas estrangeiras. Essa abordagem do ensino de língua é benéfica tanto para o aluno que aprende línguas para ser professor quanto para aquele que aprende línguas para poder se comunicar e trabalhar com pessoas de outras culturas, uma vez que ao ser exposto a outras formas de vidas, os alunos tornam-se mais tolerantes em relação a outros povos e ao seu próprio.

Espera-se que este estudo tenha influenciado positivamente atuais e futuros professores de LE, demonstrando como uma aula de língua pode ser aprimorada e se tornar mais interessante ao se acrescentar o ensino de cultura¹¹. “Ensinar” cultura não está ligado necessariamente à exposição ou palestras sobre elementos culturais, mas ao acréscimo de discussões culturais às atividades. Não devemos acreditar que só o falante nativo é capaz de abordar sua cultura. Podemos sim acreditar que somos capazes de manter discussões e a abordagem de elementos culturais por sermos professores-pesquisadores formadores de opinião.

Referências bibliográficas:

BRAWERMAN-ALBINI, A.; BECKER, M.R.; BACA, G.; MARTINEZ, C.L. O papel do falante nativo no ensino do inglês como língua franca. In: BRAWERMAN-ALBINI; MEDEIROS (Orgs.). *Diversidade Cultural e Ensino de Língua Estrangeira*. Campinas, SP: Pontes, 2013, p. 41-60.

BYRAM, M. *Cultural studies in foreign language education*. Clevedon: Multilingual Matters, 1989.

CECILIA, R.R.; OJEDA, J.R.G. What can multicultural literature do for the EFL classroom? *Proceedings of the International Online Conference on Second and Foreign Language Teaching and Research*, 2007.

FERNANDES, E.C.S.; EIRÓ, J.G. Experiências interculturais e aquisição de língua estrangeira e/ou segunda língua. In: BRAWERMAN-ALBINI; MEDEIROS (Orgs.). *Diversidade Cultural e Ensino de Língua Estrangeira*. Campinas, SP: Pontes, 2013. p. 97-110.

¹¹ Sugestões de atividades culturais podem ser encontradas em Brawerman-Albini *et al.* (2013).

GENC, B.; BADA, E. Culture in language learning and teaching. *The Reading Matrix*, v. 5, n. 1, 2005.

KRAMSCH, C.J. *Context and Culture in Language Teaching*. Oxford: Oxford University Press, 1993.

KRAMSCH, C. *Language and Culture*. Oxford: Oxford University Press, 1998.

LEFFA, V.J. Teaching English as a multinational language. *The Linguistic Association of Korea Journal*, v.10, n. 1, 2002.

MEDEIROS, V.S.; VIEIRA, M.M.C.; JENNINGS, A. M.; MILLER, M.M. Doces bárbaros: refletindo sobre alteridade, língua e cultura. In: BRAWERMAN-ALBIN; MEDEIROS. (Orgs.). *Diversidade Cultural e Ensino de Língua Estrangeira*. Campinas, SP: Pontes, 2013. p. 19-40.

The importance of teaching culture in language teachers formation

Abstract: Facing the current setting of a globalized world and principally considering the English language, today an international language, the introduction of reflections and culture discussions becomes increasingly necessary in the education of culturally conscious teachers. Nevertheless, in many cases, culture is taught implicitly, through linguistic forms that students learn. It is indispensable that future teachers develop a cultural sensibility that promotes an appreciation in relation to the other. It is important that the foreign language classroom also be a moment for reflection of sociocultural and historical differences. Many studies, such as Kramsch (1993, 1998) and Byram (1989), have emphasized the importance of the relationship between language and culture. However, are future teachers prepared for this? Do they feel confident treating cultural issues? Do they consider these discussions important? In order to investigate these aspects, a 10-question survey was given to English language and teaching students who had interacted with a North-American English teaching assistant during their undergraduate experience. The objective of this survey is to evaluate the relevance of this contact to English language and teaching students, in addition to their own ideas about the teaching of culture in the foreign language classroom. The relevance of this study lies in the analysis of an extremely important approach in foreign language teaching: the culture of the target language.

Keywords: Teaching. Culture. Teacher Education.

Recebido em: 19/10/2013.

Aprovado em: 19/11/2013.

ANEXO

QUESTIONÁRIO

1. Você considera importante a abordagem de aspectos culturais em uma aula de língua estrangeira?

- extremamente importante
 importante
 regular
 não considero importante

2. Qual a sua visão do ensino de línguas através de uma abordagem intercultural?

3. Em sua opinião, como o ensino de uma língua estrangeira pode ser melhorado ao se abordar tópicos culturais?

4. Você percebe uma ligação entre língua e cultura? Como?

5. Você se sentiria capaz de abordar tópicos culturais em suas aulas de inglês?

Considerando-se a presença de assistentes de ensino norte-americanas no curso nos últimos dois anos:

6. Como você considera que essa experiência influenciou a sua visão sobre diferenças culturais?

7. Quais foram as principais diferenças culturais que você identificou entre o Brasil e os Estados Unidos? Você já conhecia essas diferenças antes do contato com o falante norte-americano?

8. Quais foram as principais semelhanças culturais que você identificou entre os dois países?

9. Considerando-se aspectos culturais, quais foram os pontos positivos que essa experiência lhe proporcionou?

10. De 0 a 10, que nota você daria para a importância que esse contato com um falante nativo teve para sua formação como professor de inglês?